

TEORIA DA OBSERVAÇÃO

Entre minhas primeiras grandes redescobertas em Fortaleza está o Lago Jacarey (LJ) (sugiro a leitura do meu texto "VOU MUDAR", assim, você entenderá o contexto do que agora estou aqui escrevendo).

Saindo de casa de carro, em menos de cinco minutos já estamos no LJ; estacionar não é problema. Eu o faço normalmente próximo à extremidade norte, onde tem um útil relógio digital com termômetro.

Em dez minutos percorremos o circuito em torno do lago, de somente 900 metros. Muito tempo para atletas e um recorde para nós. Entretanto, é tempo suficiente para minhas leituras sociológicas.

Por conveniência andamos no sentido anti-horário, ou seja: saindo do norte pelo leste, sul, oeste e norte, tendo em vista que do lado leste existem varias árvores que bloqueiam os raios do sol que estão a oeste no fim de tarde. Desta forma, ficando a luminosidade do sol em minhas costas no lado oposto.

Suponho que esse logradouro público em área urbana é uma réplica de todos os demais existentes aqui ou em qualquer cidade brasileira. Não estou me referindo a aspectos arquitetônicos ou estruturais, e sim, por ser ponto de convergência de pessoas de seu entorno, pessoas estas que são razão de tudo.

Temos diversas necessidades. Eu tenho várias, e você? A minha, neste caso, é a de saúde e também a social, esta em especial. Pelo simples fato de andar resolvo a primeira. A segunda pode ser atendida simplesmente pela interação mediante uma simples troca de olhar, um cumprimento balançando a cabeça ou um "boa tarde" com apenas um dos vários desconhecidos que passam por nós, no percurso.

A caminhada é um excelente momento para conversar amenidades ou coisas sérias com minha Katia e para ser contemplativo, aproveito para aliviar os meus conflitos e as minhas pressões do dia a dia.

Tenho memória fotográfica e sei utilizá-la para entender e proceder à leitura social, neste contexto, das minhas caminhadas no Lago Jacarey (LJ). Estas conclusões necessariamente não precisam estar corretas, elas são a minha interpretação e percepção do que vejo com meus filtros, oriundos da minha formação pessoal e profissional. Não há certo ou errado, tendo em vista que estes pensamentos não serão utilizados para nenhuma tomada de decisão; quando muito nesta crônica.

Quando frequentamos com regularidade um determinado ambiente, se torna fácil a percepção da dinâmica do lugar. Existem os frequentadores assíduos e estes dão a personalidade mais visível do Lago.

No meu entendimento, cinco são os principais grupos de usuários deste ambiente. Os classifico também pela dinâmica (quem fica sentado é baixa, já quem corre ou se exercita alta) e nível de interação social.

Os comerciantes (do restaurante, do bar, da banca de revistas, das diversas barracas), os que andam, os que correm, os que fazem a ginástica com os bombeiros e os que ficam sentados nos bancos e/ou nas mesas das barracas. Este último grupo divido em dois, as pessoas que vez ou outra vem consumir e os que diariamente se reúnem, sempre os mesmos. São os principais grupos que identifiquei na praça.

Os comerciantes e os que fazem a ginástica com os bombeiros, com dinâmica e interação social (I.S.) altas, os que andam e os que correm com dinâmica alta e I.S. baixa. E tem os que ficam sentados nos bancos e ou nas mesas das barracas com dinâmica zero e interação social altíssima. Simples assim.

Por outro lado existem os bichos de dentro do lago, como as garças boiadeiras, os patos, galinhas d'água e marrecos. Pássaros de todos os tamanhos, principalmente os que se alimentam de peixes.

Claro que também os ícones humanos, estes merecem toda minha atenção. Tem o dono de um Fuscão preto que estaciona sempre na mesma vaga e senta no mesmo lugar do mesmo banco. Impossível não percebê-lo, já que ele deixa a porta do carro aberta com o som ligado. Por sinal, excelentes músicas.

Tem também os donos de um fusca 1983 bege e o de um Chevrolet C10 vermelho, todos em perfeito estado de conservação. Sempre que possível os cumprimento e elogio seus belos carros "das antigas".

Existem vários casais de amigos e amigas que andam regularmente. Já identifiquei e cadastrei muitos em minha memória. Creio que também para eles eu e Katia Musy já sejamos "habitué".

Quando cruzei com ele a primeira vez achei estranho: um senhor caminhar com um saco enorme de carioquinha (assim chamamos aqui o pão francês). Na volta seguinte encontrei novamente com ele.

O lago em si tem uma lamina d'água de aproximadamente 25.000 metros quadrados, com um metro de água. Não sei dizer se os peixes que existem lá são nativos de antes da urbanização ou se foram introduzidos pela mão do homem para alimentar as aves e os pássaros. Sei que estão lá, todos sabem.

No fim de tarde, diariamente, o "senhor do pão" abre no mesmo lugar ou ponto físico do lago o saco com uns vinte carioquinhas e começa a jogá-los inteiros, um a um. Esse ritual dura uns vinte minutos. Este senhor altruísta faz a alegria dos peixinhos e também das crianças que sabem da existência deste

momento: ser possível ver tantos peixes em alvoroço se alimentando. Também faz a alegria dos adultos que, como eu, se emociona com os sorrisos sinceros dessas crianças.

Acredito que o “senhor do pão” seja o que mais se deleita com tudo isso, pois o seu gesto é o responsável por um momento simples, único para tanto para os peixinhos quanto para crianças.

Podemos “tirar leite de pedra”; dependendo de nossa forma de olhar, podemos ver ou não beleza nas coisas, nos lugares e nas pessoas. Se você gostou do que leu, do meu modo de olhar e ver as coisas, que tal doravante utilizar, em seus momentos de lazer, o que chamo de **TEORIA DA OBSERVAÇÃO?**

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 0296 MA